



## Uma breve reflexão sobre desvios fonológicos, morfológicos e sintáticos na escrita dos alunos do 6º e 7º ano do ensino fundamental

### *A brief reflection on phonological, morphological and syntactic deviations in the writing of 6th and 7th grade Elementary School's students*

**Maria Sebastiana da Silva Costa<sup>1</sup>**  
**Oclícia Sales Barros<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Professora Ajunta da Universidade Federal Rural da Amazônia (Universidade Federal Rural da Amazônia, campus de Tomé-Açu, Rod. PA 140, 68.680-000, Tomé-Açu, Pará, Brasil): maria.costa@ufra.edu.br.

<sup>2</sup> Mestranda da Universidade Federal do Pará (R. Augusto Corrêa, 01, 66075-110- Guamá, Belém, Pará): ocliciasalles@gmail.com

**RESUMO:** O presente trabalho tem por objetivo analisar os desvios ortográficos de cunho fonológico, morfológico e sintático, em redações escritas por alunos das turmas do 6º e 7º ano da Escola Municipal Santinho Cóhen, localizada na vila de Carapajó, distrito do município de Cametá, bem como contribuir para a conscientização dos professores do ensino básico, a fim de que estes notem que tais “erros” devem ser percebidos no sentido de se buscar saná-los. O trabalho foi feito, a partir da análise de desvios ortográficos encontrados em 40 redações dos alunos das referidas séries, o qual abrangeu-se na busca de verificar o porquê da ocorrência desses “erros”. O embasamento bibliográfico está pautado em autores como Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Mattos e Silva (2004) e Simões (2006).

**PALAVRAS-CHAVE:** Desvios ortográficos; Variação; Ensino de Língua Portuguesa.

**ABSTRACT:** The present work aims to analyze the orthographic deviations of phonological, morphological and syntactic nature, in essays written by students 6th and 7th grades of Santinho Cóhen Municipal School, located in the Carapajó Village, district of Cametá Municipality, as well as contribute to basic education teachers' awareness, so that they notice that such “errors” must be perceived in order to seek to remedy them. The work was done from the analysis of spelling deviations found in 40 students' essays from the referred grades, which was covered in the search to verify the reason for the occurrence of these “errors”. The bibliographic background is based on authors such as Bagno (2009), Bortoni-Ricardo (2004), Mattos e Silva (2004) and Simões (2006).

**KEYWORDS:** Spelling deviations; Variation; Portuguese Language Teaching.

## 1 Introdução

O presente artigo pretende-se a análise de desvios ortográficos que infringem as normas de ortografia, de cunho fonético, morfológico e sintático em redações de alunos das turmas do 6º e 7º ano do ensino fundamental. Para isso, foram examinadas as produções escritas dos alunos, a fim de se fazer uma sondagem para observar quais desvios são mais apresentados na produção dos textos escritos e destacar a importância dos professores observarem os “erros” realizados com mais frequência por seus alunos, para que estes, professores, busquem formas eficazes de saná-los, contribuindo dessa maneira para uma aprendizagem produtiva e interativa.

É importante que os professores do ensino fundamental observem com constância os problemas recorrentes nas escritas de seus alunos, para que possam contribuir da melhor maneira possível no desenvolvimento de suas escritas. Uma maneira dinâmica de fazer isso é levar em consideração não só aspectos linguísticos desses alunos, mas também os sociais, como: a situação econômica desses alunos, se são moradores da zona rural ou urbana, como se relacionam com sua família. Segundo Bortoni-Ricardo (2004) esses são os três ambientes que uma criança começa a desenvolver o seu processo de socialização: a família, os amigos e a escola. Esses ambientes, segundo a terminologia que vem da tradição sociológica, são chamados de domínios sociais. Para esta autora, na transição do domínio do lar para o domínio da escola, faz-se também uma transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita, o que os linguistas chamam de letramento.

Para tanto, acredita-se ser necessário que o professor de Língua Portuguesa mantenha uma relação dialógica com seus alunos, e que esta relação passe a ser uma relação de interação e não mais fragmentada, na qual o papel do professor não seja mais o de repassar informações e o do aluno apenas o de receber. A partir do momento que se estabeleça uma interação entre as duas categorias (professor e aluno) o ensino passa a ser construtivo e mais comprometido com o saber do aluno visando uma melhoria na escrita desses estudantes.

Convém ressaltar que a linguagem formal, se tratando de fala ou de escrita, é a preferível socialmente e é, também, a qual os estudantes precisam dominar. Embora, haja ocasiões, em que o aluno faça uso de uma escrita menos normatizada, como por exemplo, em uma situação que não lhe exige maiores cuidados, como em uma conversa via mensagem entre amigos ou familiares. Sendo assim, as pessoas, de modo geral, têm que reconhecer o que cada situação de comunicação exige e a partir disso, se adequar a cada ocasião.

Nesse sentido, objetiva-se nesta pesquisa reconhecer os principais problemas existentes na escrita dos alunos, nos âmbitos fonológico, morfológico e sintático. E como objetivos específicos pretende-se: 1) investigar se realmente há as ocorrências dos desvios ortográficos na escrita dos alunos; 2) oferecer ao professor de língua

portuguesa propostas didático-pedagógicas para o ensino-aprendizagem de língua portuguesa; 3) demonstrar a importância da escrita padrão para o bom rendimento estudantil; 4) identificar em que âmbito estrutural da língua são mais recorrentes os problemas de desvios da norma culta na produção textual dos alunos.

Nesse sentido, desenvolver uma pesquisa sobre este tema torna-se importante e é justificável, pois aborda sobre fenômenos linguísticos bastantes recorrentes na produção textual dos alunos, assim como predispõe-se a oferecer respostas mais cabíveis e plausíveis para tais desvios ortográficos, na medida em que se acredita que o primeiro passo para a melhoria da escrita culta dos alunos é o reconhecimento e a tomada de consciência pelo professor de tais problemas, pois somente assim este procurará soluções mais apropriadas e contundentes para a amenização destas dificuldades.

Para a realização de tal reflexão, dividiu-se este artigo em cinco unidades. A primeira encarrega-se em mostrar a relação existente entre oral e o escrito; a segunda faz uma breve reflexão dos caminhos oferecidos para que se adquira uma boa visão de como se trabalhar os desvios ortográficos, mas sem desvalorizar a linguagem oral da criança. Na terceira unidade apresenta-se os métodos utilizados para a realização desta pesquisa. Na quarta faz-se uma análise dos dados obtidos relacionados aos desvios fonológicos, morfológicos e sintáticos. E por fim, a conclusão, momento em que se expunha as ideias finais do trabalho.

### 1.1. Transposição da oralidade na escrita

De modo geral, os alunos da educação básica demonstram muitas dúvidas quanto a utilização do português padrão, principalmente os alunos do ensino fundamental, já que ainda confundem as regras linguísticas da modalidade oral e escrita. Sem mencionar, que a língua está sempre em constante alteração, e muitas vezes uma regra já assimilada pelo aluno, sofre alterações, como o estabelecimento do novo acordo ortográfico da língua portuguesa, e o que o aluno já tinha em mente torna-se obsoleto. Então, muitas vezes, casos como esse, tornam mais difícil o domínio, por exemplo, da grafia segundo a ortografia oficial. Conforme nos aponta Simões (2006).

É notório que a dificuldade de escrita correta das formas da língua em seu registro padrão não é exclusivamente das crianças, nem mesmo dos aprendizes do ensino fundamental em particular. De vez em quando, somos surpreendidos por algum tipo de dúvida gráfica sobre item lexical não pertencente ao nosso vocabulário usual. Em outras palavras: basta que seja preciso escrever palavra de estrutura gráfica complexa pertencente ao jargão de outro campo profissional para que sejamos levados ao vocabulário ortográfico ou a um dicionário em busca da grafia correta da palavra problemática. (SIMÕES, 2006, p. 48).

E tal comportamento pode ser estendido a outros âmbitos estruturais da língua como o nível morfológico e sintático, pois na oralidade usa-se determinadas regras apropriadas a essa modalidade linguística, mas que na escrita, nem sempre são adequadas. E mais, cumpre-se ressaltar, é necessário que os alunos compreendam que a escrita se tornou indispensável, pois aqueles que sabem fazer um bom uso dela, ocupam status elevado na sociedade, transmitindo-os assim educação e poder.

Assim sendo, os alunos do ensino fundamental não são diferentes do que se tem observado. Eles chegam nas séries iniciais com uma escrita que reflete traços da sua oralidade, de modo que, transpõem para os textos escritos marcas linguísticas que estão habituados a usar na fala. Ora, a criança, quando chega à escola, já domina a língua falada, e ao entrar em contato com a escrita, certamente, produzirá seus textos com uma ortografia recheada da oralidade.

De fato, esse contexto só mudará, se feito um bom trabalho, tomando-se como objeto de ensino a leitura e a escrita. Infelizmente, muitos professores, ainda fazem pouco para mudar essa situação, então, o aluno sai das séries iniciais e chega no ensino fundamental com as mesmas dificuldades referentes a escrita, enquanto ortografia. Assim, a escola possui uma tarefa muito complexa, pois necessita informar aos alunos sobre as normas de uso da língua, a fim de que estes saibam usá-la de forma eficiente e sem possíveis bloqueios durante a comunicação. Isto posto, Morais (2000) corrobora.

Creio que quando ajudamos o aluno a internalizar a norma ortográfica como um objeto de conhecimento, como uma faceta de reflexão, estamos ajudando o aluno não só a internalizar conhecimento que lhes permitiram a comunicar-se melhor (e deixar de ser alvo de discriminação), mas também ampliar os sentidos que ele pode estabelecer quando interage com a linguagem escrita e especificamente com a palavra (MORAIS, 2000, p. 126).

Neste momento é importante ressaltar que não se pretende neste trabalho estigmatizar de maneira alguma as marcas de identidade linguística desses alunos, mas como Marcuschi (2008) afirma “a passagem da fala para a escrita, não é a passagem do caos para a ordem, mas a passagem de uma ordem para outra ordem”, ou seja, a oralidade será sempre fator de identidade social, regional, grupal dos indivíduos, por outro lado a escrita, pelo fato de ser pautada pelo padrão, não serve como fator de identidade individual ou de uma comunidade, mas sim de uma norma a ser seguida. E apesar de haver uma padronização na escrita, sabemos que não deixa de existir as variações na língua, pois mesmo que haja a formalidade na escrita e também na fala, isso não implica dizer que as variações deixarão de existir. O aluno deve saber lidar com essas variações, adequando-as de acordo com o contexto em que este estiver presente.

Marcuschi (2010) acrescenta ainda que não há disparidades entre as duas modalidades, pois cada uma possui suas próprias particularidades, e isso não coloca uma modalidade no patamar superior a outra, elas se equivalem.

Assim, não deixa de ser necessário a compreensão pelos alunos das variações linguísticas para que ele possa fazer a distinção no momento da produção escrita, do que pertence a modalidade escrita formal, e que formas linguísticas são apropriadas a contextos de fala informais, como bem nos coloca Seara (2015)

Para Mattos e Silva (2004), os estudantes portam normas

É fundamental saber lidar com a variação fonético-fonológica que sempre vai existir e levar o aluno a compreender essas variações, para relacioná-las aos elementos gráficos da escrita, especialmente no que diz respeito às variações fonéticas que mais adequadamente, por exemplo, com o preconceito linguístico que pode surgir na sala e aula (SEARA, 2015, p. 33).

dialetais na sua comunicação oral que refletem a diversidade social e regional de onde provêm, e ainda afirmam que as caracterizações socioeconômica e regional desses estudantes, refletem nos usos linguísticos que utilizam na fala, que é a base da escrita.

Bagno (2009), em seu livro “Preconceito Linguístico: O que é, como se faz” também contribui para especificar as diferenças entre o oral e o escrito, quando afirma que a língua falada é aquela que aprendemos no convívio com a família e com a comunidade, logo nos primeiros anos de vida, por outro lado, a escrita obedece regras fixas de tendência conservadora.

Deste modo, o papel do professor será também o de conscientizar seus alunos das particularidades exigidas para se ter uma boa produção da escrita e mostrar-lhes o caminho e os recursos que lhes são propícios, mas não deixar, também, de revelar a seus alunos que o oral traz consigo características sociais e culturais que não devem ser desvalorizadas.

Para corroborar a afirmação feita acima, faz-se necessário citar Bortoni-Ricardo (2004) quando afirma que:

a fala de Chico Bento caracteriza um evento de oralidade não monitorado, enquanto o texto de Machado de Assis é um evento de letramento que, por definição, requer muito planejamento e monitoração. Nenhum falante usa mal sua língua materna, mas a forma como a usa vai depender de todos os fatores que você já conhece, especialmente, a variação ao longo dos três contínuos: de urbanização, de oralidade/letramento e de monitoração estilística (BORTONI-RICARDO, 2004, p. 72)

Trata-se, portanto, de regras não antagônicas, mas com muitas particularidades, que dizem respeito a modalidade linguística a que pertencem, pois a língua escrita por ser artificial, já que não se dá de forma natural ou espontânea, necessita de maior treinamento, exercício, memorização, assim como exige à obediência a regras fixas, de tendência mais conservadora, pois como aponta (BAGNO 1999, p. 71) a língua escrita “além de ser uma representação não exaustiva da língua falada - como assim não exaustiva? - Ora, tem muita coisa que a gente diz e não escreve, e muita coisa que a gente escreve, mas não fala”.

## 1.2. Alguns caminhos que podem ser permeados

Observa-se que muito tem sido feito para a melhoria do

ensino da ortografia. Brasil (2001), por exemplo, traz uma proposta de ensino pautada no uso e reflexão da língua oral e escrita. Tal proposta reflete um trabalho de ensino em uma dimensão interacional e discursiva da língua, proporcionando a formação de indivíduos conscientes e capazes de exercerem suas opiniões no meio social. Sobre leitura e escrita o referido documento afirma

Leitura e escrita são práticas complementares fortemente relacionadas, que se modificam mutuamente no processo de letramento – a escrita transforma a fala (a constituição da “fala letrada”) e a fala influencia a escrita (o aparecimento de “traços da oralidade” nos textos escritos). São práticas que permitem ao aluno ler e escrever adequadamente (BRASIL, 2001).

O que é proposto pelos PCN (BRASIL, 2001) e afirmado acima é a importância de se trabalhar leitura e escrita concomitantemente e, com isso, formar leitores que sejam capazes de produzir textos coesos, coerentes e ortograficamente bem escritos. Assim sendo, acredita-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino de Língua Portuguesa é um exemplo dos muitos documentos que propõem novos métodos de ensino para que professores possam fazer uma possível reciclagem de suas práticas em sala de aula.

É fato, e de conhecimento dos professores em geral, que o aluno passa pelo ensino fundamental, termina o ensino médio e chega no ensino superior sem um certo interesse pela leitura. Esse desinteresse pela leitura contribui de maneira assídua para que este desenvolva uma escrita carregada de “erros” ortográficos. Dessa maneira é inegável a importância da leitura como objeto de ensino para amenizar essas possíveis “desobediências” ortográficas acarretando em uma melhoria na escrita.

Bortoni-Ricardo (2004) propõe que os professores devem sempre procurar resumir e sistematizar o que se tem observado sobre as características linguísticas, traços frequentes (fonológicos, morfológicos e sintáticos) que marcam os desvios ortográficos dos alunos, para posteriormente fazer um trabalho construtivo para a não realização desses desvios.

Simões (2006) assegura que uma meta do professor seria a de criar esquemas facilitadores do entendimento dos mecanismos da língua, com vistas a gerar prazer no contato com a informação linguística, pois as aulas de português não precisam ser tediosas, e necessitam estimular o gosto pela prática consciente na produção textual.

Assim sendo, este trabalho propõe, além de mostrar os desvios de cunho fonológicos, morfológicos e sintáticos mais frequentes realizados pelos alunos do ensino fundamental, também contribuir para a conscientização dos professores em relação a esses “erros” de ortografia para que estes possam sensibilizar-se e monitorar suas práticas para uma real melhoria do ensino de português no correspondente à prática de leitura e escrita, a fim de diminuir tais desobediências ortográficas, mas antes ter um bom embasamento extralinguístico de seus alunos, a fim de não estigmatizar a fala dos mesmos, sabe-se que fala é de um domínio linguístico e escrita é de outro.

## 2 Materiais e métodos

A presente pesquisa objetivou verificar quais os percentuais de “erros” ortográficos de cunho fonológico, morfológico e sintático existentes nas redações de alunos do ensino fundamental maior. Já de posse dos resultados, empenhou-se em averiguar o porquê da intensa ocorrência dessas “desobediências” nos textos dos alunos. Para apoderar-se de tais respostas, e sem tempo de realizar uma entrevista com os professores, responsáveis pelas turmas, buscou-se fazer um levantamento bibliográfico a fim de justificar tais ocorrências.

A pesquisa incidiu na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santinho Cohén, localizada na vila de Carapajó, distrito da cidade de Cametá. Inicialmente, entrou-se em contato com a professora do 6º ano e depois com o professor do 7º ano, ambos concordaram em ceder textos produzidos por seus alunos para formar o corpus da referida pesquisa. Foram coletadas 20 redações do 6º ano e 20 redações do 7º ano. No 6º ano, o tema da redação foi “Meu monstinho”, uma atividade de produção textual realizada pela professora no dia das bruxas e no 7º ano o tema foi “conte sobre o seu final de semana”.

Após a coleta das produções textuais, deu-se início a investigação dos desvios ortográficos. Neste momento, anotou-se cada “erro” encontrado nas redações em folhas separadas, e por categorias (fonético, morfológico e sintático) em seguida calculou-se o percentual de cada categoria, depois fez-se a contagem por subcategorias e aplicou-se a regra de três simples para a retirada da porcentagem, com uma margem de erros de apenas 1%. Já de posse dos resultados, deu-se início a descrição e análise dos resultados. Para uma melhor descrição dos dados, criou-se tabelas e gerou-se gráficos.

### 2.1. O contexto escolar da pesquisa

Os alunos que integraram essa pesquisa são da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santinho Cohén. A escola situa-se na Vila de Carapajó, distrito de Cametá, no bairro de vila Nova. A vila é composta de três pequenos bairros e atende cerca de 700 alunos, os que moram na vila são aproximadamente 400 alunos e os que moram nas localidades próximas como ilhas e várzeas compreendem cerca de 300 alunos. As famílias dos alunos apresentam realidades diferentes, oscilando entre a classe média baixa e a baixa, onde os mesmos vivem em sua maioria de rendas de colheitas de plantação ou da pesca.

O corpo docente é composto por professores de classe média, todos formados com o nível superior. Os professores de Língua Portuguesa, que cederam as redações, apresentam formação específica em sua área.

## 3 Resultados e Discussão

Os desvios ortográficos de cunho fonológicos, morfológicos e sintáticos, e uma orientação de como trabalhá-los no ensino fundamental

Neste item serão apresentados e analisados os “erros”

mais recorrentes nas redações dos alunos, a saber: fonológicos, morfológicos e sintáticos. Assim sendo, procurou-se subsídios teóricos em Bortoni-Ricardo (2008), Cagliari (2006) e Bagno (2009) a fim de substanciar tal análise.

Ambos os autores afirmam ser necessário que os professores, principalmente de Língua Portuguesa, procurem fazer diagnoses da escrita de seus alunos, a fim de observar quais as dificuldades que estes enfrentam e saber assim direcionar melhor seu trabalho.

### 3.1.2. A produção textual e os tipos de “erros”

A contribuição deste trabalho para o processo de ensino e aprendizagem de língua materna, dá-se pela

compreensão dos principais desvios fonológicos, morfológicos e sintáticos observados na produção textual dos alunos do ensino fundamental maior, e a sugestão de caminhos mais eficientes aos professores na construção de uma escrita mais alinhada às normas cultas da língua portuguesa. Ressalta-se que o professor deve levar o seu alunado a refletir, no sentido de que escrever é reescrever, logo, aprimorar-se na identificação dos desvios para descobrir o significado deste, também é uma prática de revisão e busca do aperfeiçoamento de uma escrita eficaz.

Para atingir este objetivo, especifica-se a seguir as categorias linguísticas segundo Cagliari (2006) e Bortoni-Ricardo (2008) utilizadas neste trabalho para a identificação dos desvios da norma culta observados na escrita dos alunos.

Tipificação	Característica
Fonológicos	Transposição da fala para a escrita
Morfológicos	Separação, junção e omissão de morfemas
Sintáticos	Concordância Verbal e Nominal

**Quadro 1.** Tipos de “erros” conforme tipificação de Bortoni-Ricardo (2008)

Fonte: Bortoni-Ricardo (2008)

**Table 1.** Types of "errors" as typified by Bortoni-Ricardo (2008)

Source: Bortoni-Ricardo (2008)

Tipificação	Característica
Fonológicos	Transposição da fala para a escrita, troca de fonemas, apagamento de vogal, apagamento de sílaba.
Morfológicos	Violação da estrutura mórfica como junção ou concatenação, omissão e separação de morfemas e forma mórfica diferente.
Sintáticos	Ausência de coesão, coerência e ordem na frase.

**Quadro 2.** Tipos de “erros” conforme tipificação de Cagliari (2006)

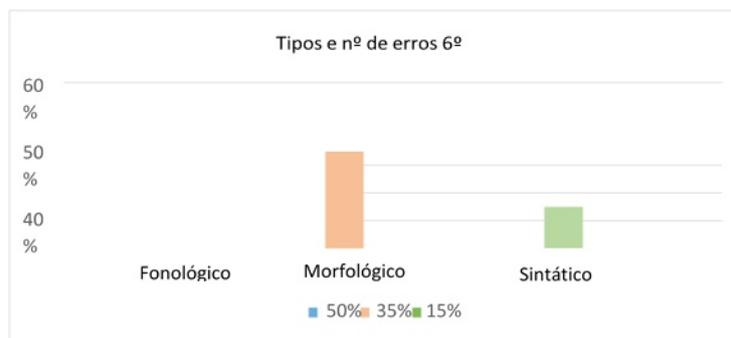
Fonte: Cagliari (2006)

**Table 2.** Types of "errors" as typified by Cagliari (2006)

Source: Cagliari (2006)

Neste momento vale justificar que para análise dos “erros” sintáticos apreendeu-se somente aos erros de concordância verbal e nominal, uma vez que se trabalhou com redações dos primeiros anos do ensino fundamental maior, estando esses ainda muito sensíveis a escrita de forma coerente e coesa.

A análise dos dados deu-se da observação de redações de duas séries iniciais, o 6º e o 7º ano. Para melhor visualização da contagem dos “erros” apresenta-se os gráficos 1, 2 e 3, e a seguir as tabelas para uma eficaz observação dos resultados. O 6º ano apresentou um total



**Gráfico 1.** Tipos de erros encontrados nos textos dos alunos do 6º ano do ensino fundamental

Fonte: as autoras

**Graph 1.** Types of errors found in the 6th grade students' texts of elementary school

de 117 “erros”, nos quais 59 foram fonológicos, o que correspondeu a 50% dos valores percentuais dos dados, 41 foram morfológicos com um valor 35% e 17 sintáticos,

com apenas 15% do percentual total. A saber a tabela 01 abaixo.

Erros encontrados por série	6º ano	Total %
Fonológicos	117 – 59	50%
Morfológicos	117 – 41	35%
Sintáticos	117 – 17	14%

**Quadro 3.** Tipificação dos “erros” encontrados, total de erros por tipo e porcentagem.

Fonte: as autoras

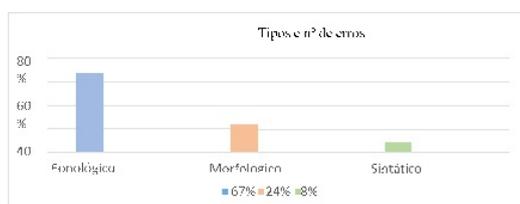
**Table 3.** Typification of “errors” found, total errors by type and percentage.

Source: the authors

Nota-se, portanto, que a principal dificuldade presente na escrita dos alunos, advém da tipificação fonológica, e um dos fatores que mais eleva esse percentual é o uso indevido da escrita ortográfica das palavras, ocasionada pela presença de traços da oralidade na escrita. Esse é um dos principais fatores da ocorrência de desvios, considerando as muitas semelhanças articulatórias entre

os fonemas, e a própria variação existente entre os fonemas na fala, que diferem do padrão escrito.

Os resultados encontrados no sétimo ano não foram discrepantes aos do sexto ano, de modo que também os erros fonológicos foram os mais recorrentes com um valor de 67%, seguido de 24% dos erros morfológicos e 8% apenas correspondente aos erros sintáticos.



**Gráfico 2.** Tipos de erros dos alunos do 7º ano do ensino fundamental

Fonte: as autoras

**Graph 2.** Types of 7th grade students' errors of elementary school

Source: the authors

No 7º ano do total de 185 erros encontrados, 124 foram fonológicos, o que correspondeu a 67% dos dados, 45 foram morfológicos, correspondentes a 24% e 16

sintáticos, com apenas 8% do total. Como mostra a tabela 02 abaixo:

A partir deste ponto em diante, veremos

Erros encontrados por série	7º ano	Total %
Fonológicos	124/185	67%
Morfológicos	45/185	24%
Sintáticos	16/185	8%
Total de erros 185		

**Quadro 4.** Tipificação dos “erros” encontrados.

Fonte: as autoras

**Table 4.** Typification of “errors” found

Source: the authors

separadamente, para efeito didático e de melhor compreensão dos “erros” encontrados na amostra em análise, as diferentes tipificações dos “erros”: fonológicos, morfológicos e sintáticos.

de segmento vocálico (consiste no ocultamento de uma vogal no vocábulo como em “parecer ao invés de aparecer”) e transposição da fala para a escrita (evento em que o aluno realiza a escrita justamente da maneira que fala como em “pranta ao invés de planta”). Abaixo seguem as tabelas 03 e 04 como mostras dos valores encontrados no 6º ano, referentes a subcategoria fonológica.

Observou-se de acordo com o percentual, que a maior ocorrência de desvios encontra-se na substituição de letras, isso ocorre quando se escreve uma letra ao invés de outra. No 6º ano, portanto, a troca de fonemas mostrou-se mais recorrente com a presença de 31 erros. Em relação a essas distorções gráficas envolvendo principalmente a substituição, ou troca de fonemas,

### 3.1.3. Tipificação dos desvios fonológicos

Para uma análise mais específica de cada categoria de “erros” e seguindo as subcategorias propostas por Bortoni Ricardo (2008) e Cagliari (2006) as categorias maiores foram divididas em subcategorias.

Os “erros” fonológicos foram especificados em: troca de fonemas (momento em que o aluno troca um fonema por outro semelhante, em que a diferença só ocorre na escrita como em “faser ao invés de fazer”); apagamento

Especificação dos erros Fonológicos – 6º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Troca de fonemas	31/59
Apagamento de segmento vocálico	19/59
Transposição da fala para escrita	9/59
Total de erros 59	

**Quadro 5.** Tabela de especificação de “erros” fonológicos.

Fonte: as autoras

**Table 5.** Phonological “errors” specification table.

Source: the authors

supressão e/ou inserção (HORA, 2004 apud Medeiros; Santos, 2014, p. 05), argumentam que "o sistema fonológico do Português Brasileiro (PB) varia de acordo com a posição que elas ocupam na sílaba". Dessa forma, dependendo da sílaba os sons se diferem mesmo que seja a mesma letra.

A segunda maior ocorrência se dá por meio do apagamento/omissão de grafemas, que se realiza pela

ausência de letras nas palavras, com 19 ocorrências. A terceira ocorrência se manifestou na Transposição da fala para escrita, com apenas 9 ocorrências. Para Cagliariari (1998, p. 78) "as relações entre letras e sons, com a ortografia, estende-se a todos os diferentes modos de falar a língua". Com essa complexidade acaba por gerar os lapsos na grafia.

Especificação dos erros Fonológicos- 7º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Troca de fonemas	124 – 79
Apagamento de segmento vocálico	124 – 24
Transposição da fala para escrita	124 – 21

**Quadro 6.** Quadro 6. Tabela de especificação de “erros” fonológicos.

Fonte: as autoras

**Table 6.** Phonological “errors” specification table.

Source: the authors

No 7º ano os resultados não foram diferentes, de modo que, também, o evento com maior ocorrência foi a troca de fonemas, com 79 ocorrências, seguido do apagamento de segmento vocálico com 24 episódios e mais abaixo 21 casos de transposição da fala.

Segundo Bagno (2009) é normal às crianças confundirem som e letra, pois uma pessoa com poucos anos de estudo e ainda não habituada a prática da leitura e da escrita, tendo como quadro de referência apenas uma suposta equivalência unívoca entre som e letra, empregará uma letra equivocadamente por analogia, na tentativa de

acertar.

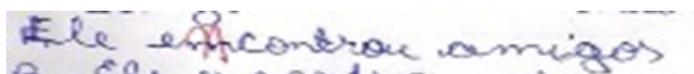
a) Troca de Fonemas

Abaixo segue algumas imagens de exemplos dos “erros” fonológicos retirados das redações.

A troca de fonemas é visível na palavra “encontrou”, em que a letra “n” que representa o fonema /n/ é substituído pela letra “m” que representa o fonema /m/. Estes desvios são recorrentes, pois acredita-se que a aproximação dos sons dificulta saber que letra usar em

**Figura 1.** Troca de fonemas n por m

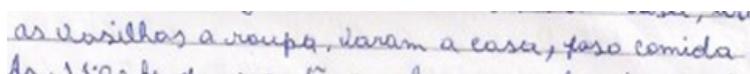
**Figure 1.** Changing phonemes n by m



Fonte: aluno B

**Figura 2.** Troca de fonemas ç por s

**Figure 2.** Changing phonemes ç for s



Fonte: aluno N

determinadas palavras.

Nota-se a troca de fonemas na palavra “faso”, onde o aluno escreveu a palavra com a letra “s” substituindo a letra “ç”.

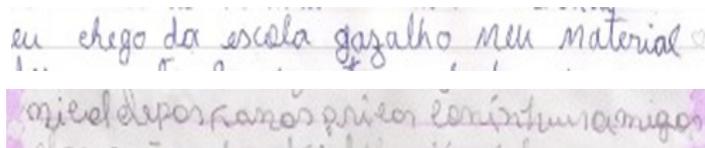
A troca do ‘ç’ pelo ‘s’ é também um processo bastante favorecido na língua portuguesa, porque se trata de letras que podem ser representadas por diferentes fonemas, ou como Lemle (1988) classifica esse processo de poligâmico, isto é, pode ser realizado por meio de várias letras, como é o caso do fonema /s/ em 'faço', escrito acima 'faso'. Esse fonema /s/ pode ser representado tanto por ‘ç’ como “faço” como por ‘s’ em “sacola”, possuindo assim várias outras representações gráficas. Isso dificulta a percepção gráfica do aluno, levando-a a realização de tais “erros”. De acordo com Hora (1990),

A ortografia se ocupa da escrita correta das palavras. Podemos concluir então, que cada palavra tem uma forma correta (e n formas incorretas) de ser escrita. Nesse sentido, uma grafia como moça pode ser considerada correta. Note-se que tanto moça quanto mosça seriam lidas do mesmo jeito, i. é., tanto ç quanto sç estariam representando o mesmo som [s]. (HORA, 1990, apud MEDEIROS; SILVA, 2014, p. 05).

### b)Apagamento de segmento vocálico

Ao analisar a escrita dos alunos, observou-se a omissão de fonemas como no exemplo abaixo, do apagamento do segmento vocálico ‘a’ da palavra “gazalho” que representa a palavra “agazalho”, e do apagamento do segmento vocálico “i” na palavras “depos”, que é o

**Figura 3.** Apagamento da vogal inicial ‘a’ e ‘i’  
**Figure 3.** Initial vowel ‘a’ and ‘i’ deletion



Fonte: aluno L e aluno G respectivamente.

mesmo que “depos”.

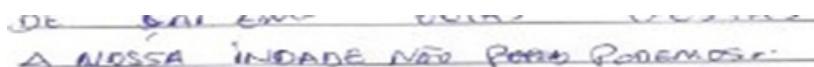
Partindo dos dados explicitados acima, observa-se que além da falta de conhecimento ortográfico pelo aluno de sua língua materna, o fator fonológico pode ser um estimulador significativo desses desvios, pois ao pronunciarmos certas palavras como, por exemplo 'agazalho', os sons como do fonema vocálico inicial 'a' da palavra acabam não sendo tão sonoros, para o falante, o que pode propiciar a transferência desse fonema inaudível da oralidade para a escrita, e conseqüentemente, ocasionar sua ausência na palavra. Nesses casos seria interessante que o professor explicasse para o aluno as diferenças entre os traços produzidos oralmente, e a representação na escrita de tais

traços, pois nem sempre há a correspondência biunívoca entre eles. Talvez isso diminuiria as ocorrências pautadas na omissão de letras.

### c)Transposição da fala para a escrita

No exemplo que segue, observou que há a transposição do dialeto falado pelo aluno a sua escrita, por meio do processo de nasalização, em que se insere uma letra com som nasalizado, em virtude da pronúncia da palavra. Cagliari (1998, p. 78) salienta que "as relações entre letras e sons, com a ortografia, estende-se a todos os diferentes modos de falar a língua". Com

**Figura 4.** Nasalização  
**Figure 4.** Nasalization



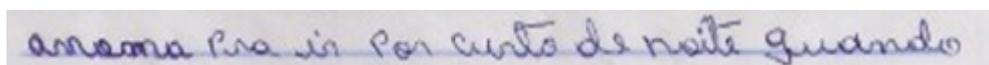
Fonte: aluno I

essa complexidade acaba por gerar os lapsos na grafia, como o da figura

O aluno, portanto, transpôs os traços sonoros de sua fala nasalizada da palavra “idade”, quando escreveu justamente da maneira como fala “indade”.

Enquanto no trecho do texto da figura 5, o aluno efetuou dois processos fonológicos distintos na palavra ‘arrumar’: primeiro realizou a troca do fonema vocálico /u/ pelo [o] e; segundo apagou o fonema final /r/ da palavra, este um fenômeno

**Figura 5.** Substituição de fonema  
**Figure 5.** Phoneme replacement



Fonte: aluno L

bastante típico dos verbos no infinito. Enquanto na palavra ‘para’ realizou o apagamento do fonema vocálico /a/, o que em uma escrita ortograficamente correta, este trecho completo ficaria seria “arrumar para ir ao culto”.

No que diz respeito a troca da vogal ‘u’ pela ‘o’, justificariamos a frequência de ocorrência na escrita dos alunos, pelo processo de representação poliândricas existente entre grafema e fonema (LEMLE, 1988), ou seja, isso dá-se devido ao fato de uma única letra realizar vários fonemas, como é o caso do ‘u’ e ‘o’ que possui representações sonoras diferentes, dependendo da posição que ocupar na palavra. E isso pode, na escrita dos alunos, confundi-los, já que o parâmetro possui como conhecimento a fala e não a escrita, logo essa variedade fonemática repercuti bastante na produção textual, e eles acabam escrevendo outra letra que corresponde ao mesmo som.

Portanto, observa-se de acordo com a classificação de Lemle (1988) que os desvios ortográficos estão mais

frequentes nas formas poligâmicas, pois nesta forma de escrita, um único fonema pode ser realizado por muitas grafias, devido a isso, os alunos nem sempre fazem as correspondências adequadamente. Neste sentido, fica evidente que os alunos não dominam a norma padrão da ortografia oficial.

### 3.1.4. Tipificação dos desvios morfológicos

O grupo dos “erros” morfológicos também foram subdivididos, este ficou distribuído da seguinte forma: omissão de morfemas (evento em que aluno não escreve um morfema como em “pula ao invés de pular”); concatenação ou junção de morfemas (episódio em que o aluno une de maneira equivocada dois morfemas como em “assustalas ao invés de assustá-las”) e por último, a separação dos morfemas (ocorrência em que o aluno separa de forma, também equivocada, dois morfemas

Especificação dos erros Morfológicos – 6º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Omissão de morfemas	41 – 27
Concatenação ou junção de morfemas	41 – 9
Separação de morfemas	41- 5

**Quadro 7.** Tabela de especificação de “erros” morfológicos  
 Fonte: as autoras  
**Table 7.** Morphological "errors" specification table  
 Source: the authors

como em “daqui ao invés de daqui”).

O quadro 7 - demonstra os números referentes aos “erros” morfológicos ocorridos no 6º ano.

Os “erros” por omissão de morfemas foram os que ocorreram com mais frequência, pois dos 41 “erros” morfológicos, 27 foram de omissão de morfemas, sendo 9

Especificação dos erros Morfológicos – 7º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Omissão de morfemas	29/45
Concatenação ou Junção de morfemas	10/45
Separação de morfemas	6/45

**Quadro 8.** Tabela de especificação de “erros” morfológicos.  
 Fonte: as autoras  
**Table 8.** Morphological "errors" specification table  
 Source: the authors

de concatenação e 5 de separação de morfemas. Abaixo segue a amostra dos números referentes aos erros morfológicos do 7º ano, conforme quadro 8:

Nesta série também não houve aversão nos resultados, pois os números mostraram que dos 45 eventos, 29 foram de omissão de morfemas, 10 de concatenação e apenas 6 de separação de morfemas, com números ainda menores.

Sterling (1983) afirma que as crianças esquecem o morfema final com mais frequência do que esquecem as letras finais. Para ele, isto se dá porque morfemas são unidades destacáveis e são processados como unidades independentes; já as letras são unidades atreladas à palavra e são processadas como parte desta palavra. Talvez isso esteja atrelado também a reprodução da fala na escrita,

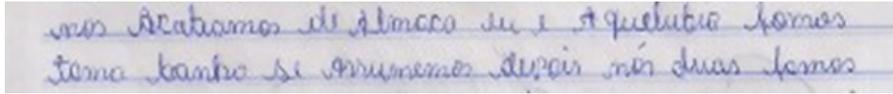
pois assim como esta elimina morfemas das palavras, a mesma criança costuma juntar ou separar morfemas, fenômenos estes que também podem ser explicados por uma visão sociolinguística, haja vista que a criança fala da maneira como lhe é acostumado a ouvir em sua comunidade e tende a eivar sua escrita com marcas de sua oralidade.

#### d) Omissão de morfemas

Com base nos dados levantados por meio da pesquisa, apresentaremos algumas imagens de exemplos dos “erros” morfológicos das redações dos alunos.

O aluno omitiu a letra “r” do vocábulo “almoçar”, assim como do verbo “tomar”, escrevendo

**Figura 6.** Omissão do morfema 'r' marca de infinitivo  
**Figure 6.** Omission of morpheme 'r' infinitive mark



Fonte: aluno J

respectivamente “almoça” e “toma”. Este fenômeno enquadra também no âmbito morfológico porque não foi apenas o fonema “r” que foi omitido na escrita, mas junto a essa omissão apaga-se também na escrita, a desinência verbal de infinitivo dos verbos almoçar e tomar.

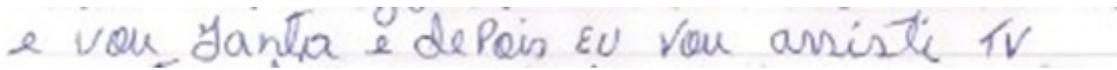
Diferente do que acontece pelos processos morfológicos, que muitas vezes a omissão, supressão ou acréscimo de fonemas não altera a compreensão do signo, no âmbito morfológico, a compreensão pode ser mais lenta em função de um significado morfêmico que fora subtraído da palavra. Nesse sentido que Hora (1990), argumenta que a

ortografia se ocupa da escrita correta das palavras. Podemos concluir então, que cada palavra tem uma forma correta (e n formas incorretas) de ser escrita. Nesse sentido, uma grafia como moça pode ser considerada correta. Note-se que tanto moça quanto mosça seriam lidas do mesmo jeito, i. é., tanto ç quanto sç estariam representando o mesmo som [s]. (HORA, 1990, apud MEDEIROS; SILVA, 2014, p. 05).

Porém, em relação ao apagamento de morfemas nas palavras, isso nem sempre é válido, pois um verbo como almoçar, se escrito ‘almoça’ passa de infinito - a realização plena da ação que expressa - para outra forma

**Figura 7.** Omissão do morfema 'r' marca de infinitivo

**Figure 7.** Omission of morpheme 'r' infinitive mark



Fonte: aluno M

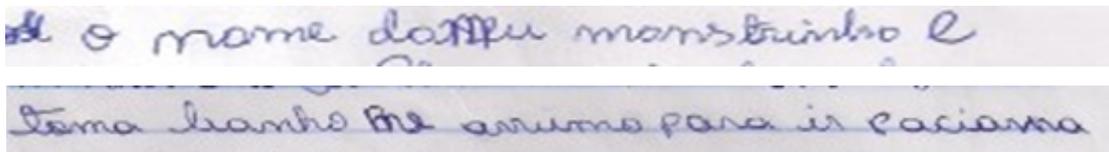
verbal, agora flexionada, com marcas de desinências da terceira pessoa do singular do presente do indicativo No exemplo apresentado acima, o aluno omitiu o morfema “r” da palavra “jantar”, de modo que escreveu “janta”, tornando-o até em outra classe gramatical, pois este nome passou de verbo a substantivo.

e) Concatenação ou junção de morfemas

Foram encontrados 10 desvios de concatenação ou junção de morfemas no corpus em análise, como no exemplo da figura 8, em que o aluno uniu os vocábulos “do meu” e “passar na” apresentados respectivamente nos

**Figura 8.** Concatenação ou junção de morfemas

**Figure 8.** Concatenation or joining of morphemes



Fonte: aluno E e aluno L respectivamente.

exemplos abaixo, os quais ele escreveu “domeu” e “paciana”.

A juntura intervocabular dá-se a partir da junção de duas palavras, formando uma só, e é decorrente da falta, muitas vezes de uma não coincidência da fronteira prosódica com a vocabular, por isso se observa na escrita escolar dos alunos esse fenômeno. O aluno possui dificuldade na construção de sintagmas nominais

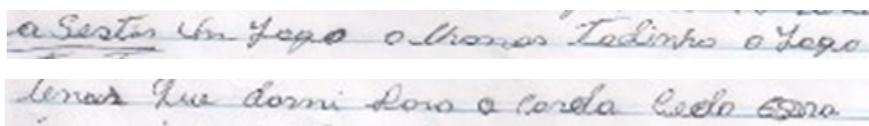
perceber nitidamente a fronteira acentual que separam entre sim as palavras.

f) Separação de morfemas

Nos exemplos que segue, observa outro fenômeno morfológicos que ocorreu na grafia dos alunos ocasionando erro e/ou desvios na escrita padrão

**Figura 9.** Omissão do morfema 'r' marca de infinitivo

**Figure 9.** Omission of the morpheme 'r' infinitive mark



Fonte: aluno H

ortográfica da língua portuguesa, como a separação da palavra “assistir” em “ a sistir” e da palavra “acordar” grafando “ a cordar”.

### 3.1.5 Tipificação dos desvios sintáticos

A categoria de sintaxe foi subdividida em

concordância nominal e verbal. A primeira consiste na falta de concordância de gênero e número entre os nomes como respectivamente em “os meninas” e “meu país”, por outro lado a concordância verbal incide na falta de concordância entre sujeito e o verbo que o corresponde como em “nós fomo”.

As tabelas 07 e 08 mostram em números a quantidade

**Quadro 9.** Tabela de especificação de “erros” sintáticos do 6º ano.

Fonte: as autoras

**Table 9.** 6th grade syntactic "errors" specification table.

Source: the authors

Especificação dos erros Sintáticos – 6º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Concordância nominal	10/17
Concordância verbal	7/17

de “erros” sintáticos, respectivamente no 6º e no 7º ano.

Os “erros” de concordância no 6º ano do ensino

fundamental foram poucos, pois obteve-se apenas 17 ocorrências, sendo que 10 foram de ordem de

**Quadro 10.** Tabela de especificação de “erros” Sintáticos do 7º ano.

Fonte: as autoras

**Table 10.** 7th grade Syntactic "Errors" specification table.

Source: the authors

Especificação dos erros Sintáticos – 7º ano	
Tipos de erros	Quantidade de erros
Concordância nominal	8/16
Concordância verbal	8/16

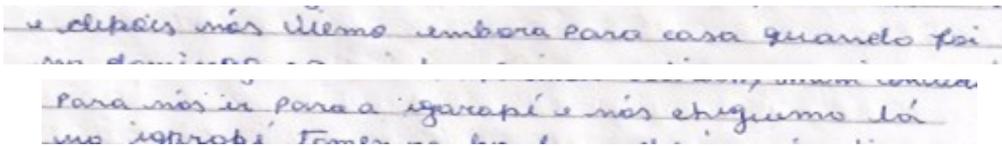
concordância nominal e 7 foram de concordância verbal..

Os “erros” de concordância foram poucos, apesar de as séries em análises serem as primeiras do fundamental maior. Segue abaixo dois exemplos, nos quais os alunos infringiram inconscientemente as regras de concordância

nominal. Em respectivamente “meus irmão” e “todos sentado”, o que corresponderia a “meus irmãos” e todos sentados”.

Abaixo segue dois anexos de exemplos de “erros”

**Figura 10.** Ausência de concordância nominal



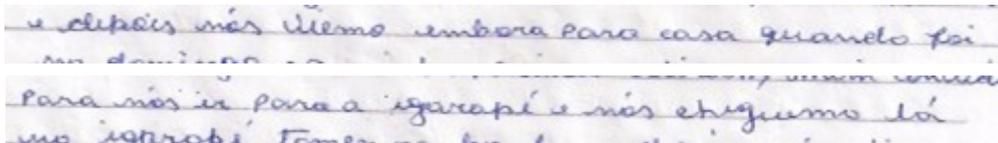
Fonte: aluno O e aluno N respectivamente

com concordância verbal.

Nos exemplos acima os alunos infringiram

**Figura 11.** Ausência de concordância verbal

**Figure 11.** verbal agreement absence



Fonte: aluno O

inconscientemente as regras de concordância verbal. Em respectivamente “ nós viemo” e “ nós chegumo”, substituindo “nós viemos” e “nós chegamos”.

Ressalta que a escrita "ideal" não é tão simples e rápida de se alcançar, e que como enfatiza Bortoni-Ricardo (2004), é um processo que pode levar muito tempo e

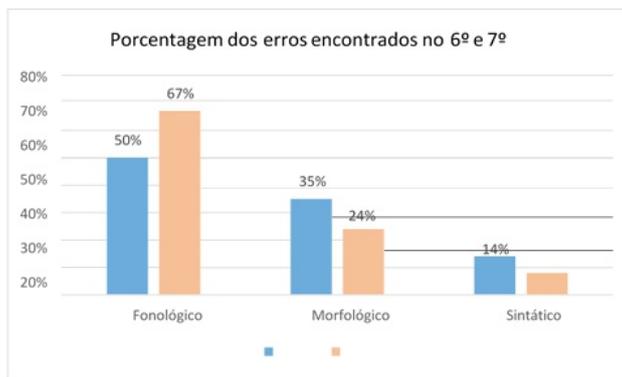
mesmo assim não se concretizar de forma plena.

### 3.1.6. Uma breve reflexão dos resultados

Busca-se evidenciar, através do gráfico 3, a comparação das médias percentuais, dos resultados

referentes aos “erros” fonológicos, morfológicos e sintáticos, encontrados nas redações dos alunos.

Observou-se que as médias percentuais dos resultados referentes as categorias dos “erros” não foram



**Gráfico 3.** Porcentagem dos “erros” encontrados no 6º e 7º anos.  
Fonte: as autoras

**Graph 3.** Percentage of "errors" found in the 6th and 7th grades.  
Source: the authors

discrepantes. Apenas a categoria fonológica, mostrou-se mais presente no 7º ano do que no 6º ano, porém tal média não é significativa para demonstrar um possível aumento da transposição da fala nos textos do 6º ano para o 7º ano, pois ambas apresentaram médias acima de 50%, o 6º ano com 50% e no 7º com 67%.

Uma possível explicação para o índice da presença de marcas da fala na escrita é o fato de que os alunos encontram dificuldades em deixar de transpor suas marcas fonológicas na escrita, talvez pela diversidade que tem a fala, Bortoni-Ricardo (2008).

As categorias morfológicas e sintáticas apresentaram índices de presenças abaixo de 50%. O morfológico no 6º

ano com 35% e no 7º ano com 24% do total; o sintático no 6º ano com 14% e no 7º ano com apenas 8% de presença. Tais números indicam que a tendência da presença desses erros (morfológicos e sintáticos) nas séries de ensino fundamental, seja cada vez mais diminuir, conforme a criança avança de ano. Como observado no gráfico acima.

O gráfico 4, mostra uma soma dos números dos dados do 6º e do 7º ano, feita por categoria fonológica, morfológica e sintática.

Uma soma do total de “erros” encontrados nos dois anos referentes às categorias fonológicas, morfológicas e sintáticas, apresentou um total de 301 erros, sendo que

Erros encontrados por série	7º ano	Total %
Fonológicos	124/185	67%
Morfológicos	45/185	24%
Sintáticos	16/185	8%
Total de erros 185		

**Gráfico 4.** Soma do total de números de “erros” 6º e 7º ano.

Fonte: as autoras

**Graph 4.** Sum of the total number of “errors” 6th and 7th year.

Source: the authors

183 foram de cunho fonológico, 87 morfológico e 31 sintático.

Justifica-se a maioria ser de ordem fonológica e morfológica, o lócus da pesquisa incidir em área ribeirinha, pois como explica Bortoni-Ricardo (2008) haverá diversidade linguística sempre que os alunos tiverem acesso limitado a áreas urbanas, ou seja, à norma culta, assim estes realizarão uma escrita carregada de suas marcas orais. Dessa forma os “erros” dessas ordens, fonológicas e morfológicas, serão sempre previsíveis, ou seja, comum o aluno apresentar erros destas categorias, ao passo que a variante padrão, está longe do seu convívio social.

Scherre (2005) afirma que a língua falada apresenta diferenças sociais e geográficas que são reproduzidas na

escrita. Não se pode confundir fala com escrita. Falar é diferente de escrever. Daí o professor deve manter uma postura sem preconceito e respeitosa diante dessa diversidade linguística, atitude esta fundamental no processo de ensino e aprendizagem do aluno, ao passo que a variação da língua falada sempre vai existir e conseqüentemente ser reproduzida na escrita dos alunos, como nos mostrou a porcentagem do gráfico acima, pois, como corrobora Bagno (2009) muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professora a ‘corrigir’ quem fala muleque, bêjo, minino, bisôvo, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e inevitável na vida das línguas.

Os “erros” de sintaxe foram os que menos tiveram ocorrências, com apenas 31 eventos, de modo que se

analisou somente dois tipos de categorias a concordância nominal e a concordância verbal. Assim sendo, como mostra os resultados, talvez, esses dois tipos de desvios não sejam os mais problemáticos nas séries iniciais do fundamental maior.

#### 4 Conclusão

Uma soma do total de “erros” encontrados nos dois anos referentes às categorias fonológicas, morfológicas e sintáticas, apresentou um total de 301 erros, sendo que 183 foram de cunho fonológico, 87 morfológico e 31 sintático.

Justifica-se a maioria ser de ordem fonológica e morfológica, o lócus da pesquisa incidir em área ribeirinha, pois como explica Bortoni-Ricardo (2008) haverá diversidade linguística sempre que os alunos tiverem acesso limitado a áreas urbanas, ou seja, à norma culta, assim estes realizarão uma escrita carregada de suas marcas orais. Dessa forma os “erros” dessas ordens, fonológicas e morfológicas, serão sempre previsíveis, ou seja,

comum o aluno apresentar erros destas categorias, ao passo que a variante padrão, está longe do seu convívio social.

Scherre (2005) afirma que a língua falada apresenta diferenças sociais e geográficas que são reproduzidas na escrita. Não se pode confundir fala com escrita. Falar é diferente de escrever. Daí o professor deve manter uma postura sem preconceito e respeitosa diante dessa diversidade linguística, atitude esta fundamental no processo de ensino e aprendizagem do aluno, ao passo que a variação da língua falada sempre vai existir e consequentemente ser reproduzida na escrita dos alunos, como nos mostrou a porcentagem do gráfico acima, pois, como corrobora Bagno (2009) muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar a professora a ‘corrigir’ quem fala muleque, bêjo, minino, bisôvo, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e inevitável na vida das línguas.

Os “erros” de sintaxe foram os que menos tiveram ocorrências, com apenas 31 eventos, de modo que se analisou somente dois tipos de categorias a concordância nominal e a concordância verbal. Assim sendo, como mostra os resultados, talvez, esses dois tipos de desvios não sejam os mais problemáticos nas séries iniciais do fundamental maior.

**Fontes de financiamento:** não houve fonte de financiamento.

**Conflitos de interesse:** os autores declaram não haver conflitos de interesse.

#### Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português:** encontro & interação. São Paulo: Parábola, 2003.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2009.

BRASIL, Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua portuguesa. Brasília, 2001.

BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

BORTONI RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola e agora?** Sociolinguística & Educação. Parábola editorial, 2005.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística.** São Paulo: Scipione, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2008.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga, LAZZAROTO-VOLÇÃO, Cristiane. **Para conhecer fonética e fonologia do Português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **O português são dois:** Novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola editorial, 2004.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita:** fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola, 2006.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle:** Variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.